Quero
começar
uma coisa
PAULITO DAGEN ROER

Quero começar uma coisa

QUERO COMEÇAR UMA COISA

PAULITO DAGEN ROER

BARRETOS

2026

Quero começar uma coisa
© 2026 PAULITO DAGEN ROER

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem autorização prévia do autor, excetuados os casos previstos em lei e breves citações para fins de estudo, crítica ou divulgação da obra.

Primeira edição — 2026

Texto: PAULITO DAGEN ROER

Projeto gráfico e capa: Yanice Sídis
Imagem de capa: criada com auxílio de inteligência artificial e finalizada pelo produtor gráfico.
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

1. Quero começar uma coisa 1

2. Quero apagar uma fotografia 5

3. Quero comprar uma coisa 9

4. Quero responder uma mensagem 13

5. Quero consertar uma coisa 17

6. Quero escolher uma música 21

7. Quero chegar cedo 25

8. Quero guardar uma coisa 29

9. Quero mudar uma coisa 33

10. Quero encontrar uma coisa 37

11. Quero lembrar de uma coisa 41

12. Quero dizer uma coisa 45

13. Quero cancelar uma coisa 51

14. Quero devolver uma coisa 55

15. Quero começar de novo... 59

16. Quero terminar ujma coisa..... 63

17. Quero esperar uma coisa 67

18. Quero decidir uma coisa 71

19. Quero deixar uma coisa para trás 75

20. Quero deixar uma coisa como está 79

21. Quero saber uma coisa 83

22. Quero encontrar uma palavra 87

23. Quero explicar uma coisa 91

24. Quero mudar de ideia 95

25. Quero deixar uma coisa acontecer 99

26. Quero reconhecer uma coisa 105

27. Quero chamar uma coisa pelo nome certo 111

28. Quero tirar uma coisa do lugar 117

29. Quero mostrar uma coisa 123

30. Quero esquecer uma coisa 129

31. Quero continuar uma coisa 135

32. Quero começar uma coisa 141

1. Quero fazer uma coisa

Quero fazer uma coisa.

Não é uma coisa difícil. Aliás, se fosse difícil talvez eu já tivesse começado, porque as coisas difíceis exigem preparação e a preparação dá uma certa importância ao que ainda não aconteceu. Esta não. É uma coisa pequena, que posso fazer em poucos minutos, talvez menos.

Preciso apenas levantar, ir até a cozinha e pegar o copo que deixei sobre a pia.

Não há nenhuma razão para eu ainda estar sentado.

O copo está lá desde ontem. Lembro perfeitamente de tê-lo deixado. Era tarde e eu estava com sede. Bebi água, coloquei o copo na pia e fui dormir. Não há nada de especial nisso. Um copo, uma pia, uma noite. As coisas costumam terminar assim.

O problema é que agora preciso ir buscá-lo.

Talvez não seja bem isso. O copo não precisa ser buscado. Ele está na cozinha e continuará lá. Quem precisa ir até ele sou eu. Há uma diferença, embora eu ainda não saiba se ela serve para alguma coisa.

Vou levantar daqui a pouco.

Primeiro preciso terminar de pensar.

Isso é uma coisa que acontece comigo: antes de fazer alguma coisa simples, gosto de saber exatamente o que estou fazendo. Não é prudência. Prudência é outra coisa. Também não é preguiça, embora às vezes pareça. É mais uma espécie de cuidado com o começo. Um gesto, quando começa, já não pertence inteiramente a quem o começou.

Por exemplo, se eu levantar agora, terei de atravessar a sala. Depois o corredor. Depois a cozinha. O copo estará onde o deixei. Vou pegá-lo. Talvez esteja frio. Talvez tenha uma pequena marca de água embaixo. Vou enxaguá-lo, provavelmente, porque não gosto de guardar um copo com a marca do dia anterior.

Então voltarei.

É simples.

Enquanto penso nisso, percebo que já não sei se quero apenas pegar o copo.

Há alguma outra coisa.

Não sei o que é.

Talvez seja melhor levantar primeiro.

Ainda estou sentado.

O copo continua na cozinha.

E, por enquanto, isso parece suficiente.

2. Quero apagar uma fotografia

Quero apagar uma fotografia.

Está no celular. Não é difícil encontrá-la. Sei mais ou menos onde está, embora "mais ou menos" seja uma maneira pouco confiável de localizar alguma coisa. Abro as fotografias e aparecem outras antes dela. Algumas não reconheço. Uma parede, uma rua, um copo sobre uma mesa. Há fotografias que parecem ter sido tiradas apenas para que eu pudesse esquecê-las.

Não quero apagar essas.

A fotografia que quero apagar é outra.

Eu a reconheço imediatamente quando aparece. Não pela fotografia, exatamente. Reconheço pelo que está em volta dela. As duas imagens anteriores e a seguinte. É como se uma fotografia pudesse ter vizinhas.

Aproximo o dedo.

Ainda não.

Preciso olhar mais uma vez.

Não há nada de especial nela. Talvez seja justamente esse o problema. Se fosse uma fotografia ruim, estaria resolvido. Se estivesse desfocada, escura, cortada no lugar errado, eu

poderia apagá-la sem precisar pensar. Mas está boa.

Boa demais para uma fotografia que quero apagar.

Isso me incomoda.

A pessoa que aparece nela também não fez nada. Não há motivo para puni-la com o desaparecimento da fotografia. Aliás, talvez nem seja a pessoa que eu queira apagar. Talvez seja o momento. Mas um momento não fica dentro de uma fotografia. Fica?

É possível apagar uma fotografia sem apagar aquilo que ela mostra?

Provavelmente.

Não sei.

Volto para a imagem.

Agora percebo uma coisa que não havia percebido antes. No canto inferior existe uma pequena parte de uma cadeira. Não deveria estar ali. Não me lembro da cadeira. Fico tentando descobrir de onde veio, quem a colocou naquele lugar, por que nunca reparei nela.

A fotografia começa a ficar diferente.

Não mudou.

Eu mudei de lugar diante dela.

Talvez seja isso que me incomoda.

Se eu apagar a fotografia agora, a cadeira desaparecerá também. Não a cadeira verdadeira, suponho. Apenas aquela pequena parte dela que ficou presa à imagem. É uma diferença importante.

Seleciono a fotografia.

Aparece a lixeira.

É só tocar.

Meu dedo está sobre a tela.

Não toco.

A fotografia continua aqui.

Por enquanto, não vejo motivo para apagá-la.

3. Quero comprar uma coisa

Quero comprar uma coisa.

Não preciso dela. Isso facilita.

Quando se precisa de alguma coisa, a compra fica comprometida pela necessidade. A pessoa entra, procura, compara, encontra e leva. Não há muito espaço para pensar. Esta é diferente. Eu quero comprar uma coisa que não preciso.

Já sei qual é.

Ou quase.

Está salva no celular. Posso encontrá-la facilmente porque deixei a página aberta. É uma coisa simples, de tamanho pequeno, que deve chegar dentro de alguns dias. Não sei se "chegar" é a palavra certa. Ela já existe em algum lugar e virá até aqui. Talvez já esteja numa caixa. Talvez ainda esteja numa prateleira, esperando alguém decidir.

Abro a página.

Continua disponível.

Isso é bom.

Há coisas que desaparecem quando finalmente decidimos comprá-las. Aí a decisão fica sem objeto e é preciso escolher

outra. Não quero escolher outra.

Leio novamente a descrição.

É estranho como uma coisa pode parecer mais necessária depois que se lê sobre ela. Antes eu não precisava. Agora encontro razões. Uma delas é bastante convincente: pode ser útil. Outra é que não ocupa muito espaço. A terceira não me convence tanto, mas está escrita de um jeito que faz parecer que deveria convencer.

Olho a fotografia.

Na fotografia, ela é maior.

Ou menor.

Não tenho uma medida para comparar. O que tenho é a mão que aparece ao lado, segurando uma parte da coisa. A mão faz a coisa parecer pequena. Retiro a imagem da fotografia com o dedo e ela aumenta.

Isso também é uma coisa.

Volto à página.

O preço continua o mesmo.

Há um botão escrito COMPRAR AGORA.

Não gosto muito de botões que dizem agora. O agora de um

botão não é exatamente o meu agora. É um agora que alguém preparou para que eu não tivesse tempo de pensar.

Penso mesmo assim.

Talvez eu possa colocar no carrinho.

Colocar no carrinho não é comprar. Isso me tranquiliza.

Coloco.

Agora a coisa está no carrinho.

Não é mais exatamente a coisa que estava na página. Está acompanhada de um preço, de uma quantidade e da possibilidade de ser minha.

Isso muda alguma coisa.

Fecho o celular.

A compra pode esperar.

A coisa também.

Por enquanto, prefiro saber que ainda posso comprá-la.

4. Quero responder uma mensagem

Quero responder uma mensagem.

Ela chegou ontem à noite. Não era tarde, mas já era uma hora em que certas respostas parecem mais importantes do que deveriam. Li assim que apareceu. Não respondi porque não sabia o que dizer. Isso acontece. Às vezes a resposta precisa de uma noite para descobrir que era simples.

Agora já sei.

Pelo menos sei como começar.

Abro a conversa.

A mensagem continua lá, exatamente como foi escrita. É uma vantagem das mensagens: elas esperam. Uma pessoa talvez mudasse de expressão, esquecesse alguma palavra, dissesse que não foi bem aquilo. A mensagem permanece. Mesmo quando a gente muda de ideia, ela não muda.

Leio novamente.

Não parece mais a mesma mensagem.

Talvez seja porque agora estou procurando uma resposta. Quando li ontem, havia apenas o que estava escrito. Hoje existe também aquilo que posso escrever em seguida. Uma frase altera a anterior. É como colocar uma cadeira diante

de outra: nenhuma das duas muda, mas a sala fica diferente.

Digito:

"Sim, eu também acho."

Apago.

Não sei se acho.

Escrevo:

"Entendi."

Apago.

"Entendi" é uma palavra perigosa. Pode significar que entendi, que não entendi, que não quero continuar falando ou que quero continuar falando sem saber como.

Escrevo:

"Depois conversamos."

Apago também.

Não quero conversar depois. Ou talvez queira. O problema de uma resposta é que ela não termina onde termina. Algumas respostas abrem outra coisa.

Deixo o celular sobre a mesa.

É possível responder mais tarde.

A mensagem não vai desaparecer. A menos que seja apagada. Mas não fui eu quem a escreveu, portanto não tenho essa possibilidade.

Pego o celular novamente.

A caixa de texto está vazia.

Isso me dá uma sensação estranha. Antes havia uma mensagem e eu precisava responder. Agora há uma mensagem e uma caixa vazia. A necessidade parece ter mudado de lugar.

Talvez eu possa escrever qualquer coisa.

Não é verdade.

Não quero escrever qualquer coisa.

Quero escrever exatamente o que preciso escrever.

Esse é o problema.

Porque, se eu soubesse exatamente o que preciso escrever, já teria escrito.

Olho para a mensagem mais uma vez.

Tenho uma resposta.

Ainda não a escrevi.

Mas ela está aqui.

De algum modo, isso já deveria contar.

5. Quero consertar uma coisa

Quero consertar uma coisa.

Ela está quebrada há alguns dias. Não sei exatamente quantos. No começo eu percebia toda vez que passava por ela. Depois comecei a passar sem perceber. É assim que algumas coisas quebradas conseguem permanecer em casa: deixam de chamar atenção antes de deixarem de estar quebradas.

É uma pequena gaveta.

Ela não fecha direito.

Quando empurro, volta alguns centímetros. Não é o suficiente para ficar aberta, nem o bastante para parecer fechada. Fica naquele lugar intermediário em que uma coisa parece ter cumprido sua função apenas porque ninguém mais insiste.

Hoje vou consertá-la.

Já olhei algumas vezes para entender o problema. Talvez seja o trilho. Talvez a madeira tenha empenado. Talvez haja alguma coisa atrás impedindo que ela volte ao lugar. São possibilidades bastante diferentes para um problema que, visto de fora, parece simples.

Abro a gaveta.

Ela abre.

Fecho.

Volta.

Abro novamente.

Dentro há algumas coisas que não deveriam estar ali. Um carregador que não uso mais, duas chaves que não sei de que são, um recibo dobrado e uma fita métrica. A fita métrica me parece útil. Pego.

Não sei por que tenho duas chaves.

Coloco uma sobre a mesa.

A outra também.

Agora a gaveta está vazia.

É mais fácil consertar uma gaveta vazia.

Passo a mão por dentro. No fundo existe uma pequena saliência. Não tinha percebido antes. Talvez seja isso. Procuro uma chave de fenda.

Encontro três.

Nenhuma parece ser a certa.

Escolho uma ao acaso.

Penso que deveria descobrir primeiro o que está prendendo a gaveta. Não adianta desmontar uma coisa sem saber o que se pretende encontrar. Essa frase me parece correta, embora não saiba se serve para gavetas.

Tiro o primeiro parafuso.

A gaveta fica mais solta.

Isso não parece bom.

Coloco o parafuso de volta.

Agora ela fecha um pouco melhor.

Talvez tenha sido suficiente.

Abro.

Fecho.

Ela volta alguns centímetros.

Menos do que antes.

Fico olhando.

Talvez eu possa deixá-la assim.

Afinal, uma gaveta que quase fecha continua sendo uma gaveta.

Guardo as chaves.

O recibo.

O carregador.

A fita métrica.

Fecho.

A gaveta volta.

Desta vez, não abro novamente.

Não está consertada.

Mas está quase.

6. Quero escolher uma música

Quero escolher uma música.

Não para ouvir. Isso seria mais simples. Quero escolher uma música para ouvir depois, quando eu souber exatamente qual música quero ouvir.

Abro o aplicativo.

Há muitas.

Isso não deveria ser um problema. Posso escolher qualquer uma. É justamente essa possibilidade que torna a escolha mais demorada. Quando há poucas, a gente escolhe. Quando há muitas, começa a procurar a que deveria escolher.

Penso numa música que ouvi ontem.

Não lembro o nome.

Lembro de um trecho, mas não o suficiente para procurar pelo trecho. Posso tentar lembrar quem cantava. Não lembro. Talvez eu nem soubesse quando ouvi. Estava tocando enquanto fazia outra coisa.

Isso não impede que eu queira encontrá-la.

Procuro nas músicas ouvidas recentemente.

Aparecem várias que reconheço. Algumas não reconheço, embora tenham sido ouvidas por mim. É curioso que uma coisa possa fazer parte da nossa experiência sem chegar a fazer parte da nossa memória.

Passo a lista.

Encontro uma música que talvez seja a que procuro.

Dou play.

Não é.

Paro.

Agora, por algum motivo, quero ouvir essa.

Deixo tocar.

Depois de alguns segundos percebo que não é exatamente o que eu queria. É boa, mas não era para ser esta. Talvez eu tenha gostado porque estava procurando outra.

Pulo para a seguinte.

Também não.

A próxima é antiga. Não sei por que está ali. Escuto alguns segundos.

Lembro de uma tarde.

Não lembro qual.

A música continua.

Eu já não estou procurando a música de ontem. Estou tentando descobrir por que me lembrei daquela tarde. Isso parece menos urgente, mas de algum modo me prende mais.

Paro a música.

Fico olhando para a tela.

Ainda posso procurar a outra.

Talvez seja melhor não fazer isso agora. Se eu encontrar, talvez ela não seja como a que ouvi ontem. A memória tem o costume de melhorar aquilo que não consegue devolver inteiro.

Fecho o aplicativo.

Não escolhi a música.

Mas agora existe uma música que quero ouvir novamente.

Não sei qual é.

Talvez seja esta.

7. Quero chegar cedo

Quero chegar cedo.

Não muito cedo. Chegar cedo demais também é uma forma de chegar errado. Quero chegar alguns minutos antes, o suficiente para não precisar entrar pedindo desculpas e não tanto que pareça que eu tinha alguma coisa melhor para fazer.

Saio às oito.

Acho que é suficiente.

O lugar não fica longe. Já fui outras vezes e sei o caminho. Mesmo assim, abro o mapa. Não preciso dele, mas gosto de ver quanto tempo o telefone acha que vou levar. Diz vinte e três minutos.

São oito e dois.

Ainda estou em casa.

Não há problema. Vinte e três minutos não são exatamente vinte e três minutos. Há o elevador, o portão, a rua, o semáforo. O mapa não sabe dessas coisas. Também não sabe que às vezes encontro alguém na saída e preciso conversar.

Pego a chave.

Volto.

Esqueci o celular.

O celular está na mesa. Pego.

Agora posso ir.

No elevador, aperto o térreo. Enquanto desço, lembro que não verifiquei se precisava levar alguma coisa. Não preciso. Se precisasse, teria lembrado antes.

O elevador para no terceiro.

Não entra ninguém.

No segundo também não.

Chego ao térreo.

São oito e nove.

Isso ainda é cedo.

Saio.

A rua está mais movimentada do que imaginei. Talvez porque hoje seja um dia em que todo mundo resolveu chegar cedo. Não é uma hipótese muito boa, mas explica a quantidade de pessoas.

Ando mais depressa.

Não gosto de andar depressa quando não estou atrasado. Dá a impressão de que estou atrasado, e talvez seja

justamente isso que eu esteja tentando evitar.

O primeiro semáforo fecha.

Espero.

O mapa recalcula.

Agora diz vinte e cinco minutos.

Isso me parece uma provocação.

Continuo.

Depois de alguns quarteirões percebo que não tenho mais certeza de por que quero chegar cedo. Sei que havia uma razão. Não era importante, mas era suficiente para me fazer sair de casa.

Talvez fosse apenas para não chegar atrasado.

Essa possibilidade me incomoda.

Se for isso, chegar cedo não é exatamente o que eu quero. Quero não chegar tarde. São coisas diferentes.

Olho a hora.

Ainda posso chegar antes.

Diminuo o passo.

Não há necessidade de correr.

Quando finalmente chego, olho para a porta.

Ainda faltam quinze minutos.

Poderia entrar.

Mas então já não chegaria cedo.

Fico do lado de fora.

Por enquanto, estou exatamente no horário que queria.

8. Quero guardar uma coisa

Quero guardar uma coisa.

Não sei ainda onde.

É pequena, pelo menos. Isso ajuda. Coisas grandes exigem lugares grandes, e lugares grandes acabam se tornando uma espécie de compromisso. Uma coisa pequena pode ficar em qualquer parte, desde que eu me lembre depois de onde a coloquei.

O problema é justamente lembrar.

Tenho uma fotografia dela no celular. Não a coisa, mas uma fotografia da coisa. Isso deveria ser suficiente para identificar o objeto, mas não é. Na fotografia ela parece diferente. Talvez porque esteja sobre a mesa, ao lado de outras coisas, e uma coisa ao lado de outra nunca é inteiramente a mesma.

Pego o objeto.

Agora sei que é ele.

Não há dúvida.

É curioso que eu precise segurá-lo para ter certeza de que quero guardá-lo.

Ele não tem valor especial. Se tivesse, seria mais fácil. Há

coisas que guardamos porque alguém disse que deveríamos guardar. Certidões, documentos, fotografias de pessoas que já não estão aqui. O valor vem pronto e a gente apenas obedece.

Esta não.

Quero guardar porque não quero perdê-la.

Ainda não sei o que isso significa.

Procuro uma caixa.

Encontro uma.

Está vazia, mas tem dentro um cheiro que não reconheço. Talvez seja do papelão. Talvez tenha guardado alguma coisa antes. Uma coisa que também não quis perder.

Coloco o objeto dentro.

Fica pequeno demais.

Parece que estou guardando outra coisa.

Retiro.

Talvez uma gaveta.

A gaveta não. Já tenho uma gaveta que quase fecha e não quero misturar as coisas. Além disso, guardar alguma coisa numa gaveta é uma forma de esquecer onde está. A

gaveta serve para isso. A gente guarda e depois encontra quando já não precisa.

Volto à caixa.

O objeto continua na minha mão.

Começo a perceber que, enquanto procuro um lugar para guardá-lo, estou deixando de olhar para ele.

Isso me parece um pouco injusto.

Talvez guardar seja justamente isso: deixar de ver para poder conservar.

Não tenho certeza.

Coloco novamente na caixa.

Desta vez não fecho.

Assim, se eu quiser olhar, ainda posso.

Deixo a caixa sobre a mesa.

A coisa está guardada.

Ou quase.

Na verdade, continuo vendo.

9. Quero mudar uma coisa

Quero mudar uma coisa.

Não é uma coisa grande. Se fosse grande, eu teria de começar por alguma parte dela, e então já não seria uma coisa, mas várias. Quero mudar apenas uma coisa.

A primeira dificuldade é descobrir qual.

Tenho algumas possibilidades.

Poderia mudar a posição da mesa. Ela está onde sempre esteve e talvez seja justamente por isso que me incomoda. Uma mesa que permanece muito tempo no mesmo lugar começa a parecer parte da casa, e não uma coisa que foi colocada ali.

Poderia afastá-la alguns centímetros da parede.

Levanto uma das pontas.

Não.

Não é isso.

Também poderia mudar a lâmpada. A luz está um pouco forte à noite. Não chega a ser desagradável, mas ilumina a sala inteira quando talvez bastasse iluminar onde estou. Poderia trocar a lâmpada por uma mais fraca.

Mas isso não seria exatamente mudar a luz?

Talvez.

Vou até a cozinha buscar uma escada.

No caminho vejo uma cadeira fora do lugar.

Coloco a cadeira de volta.

Agora a sala parece diferente.

Fico olhando.

Não era isso que eu queria mudar.

A cadeira sempre esteve ali? Não sei. Talvez tenha sido eu quem a deixou fora do lugar. Se fui eu, então não mudei nada. Apenas desfiz uma mudança que eu mesmo havia feito.

Isso complica um pouco.

Volto para a lâmpada.

A escada está no armário. Abro a porta.

Há algumas coisas na frente. Um pano, uma caixa, um aspirador que não uso há meses. Retiro o pano. A caixa fica. Retiro a caixa. O aspirador não sai.

Desisto da escada.

Talvez eu possa mudar alguma coisa que não exija escada.

A mesa.

Empurro.

Ela se move.

Pouco.

O suficiente para fazer um risco claro no chão, onde antes havia apenas uma diferença de cor que eu nunca tinha percebido.

Agora existe uma marca.

Olho para a mesa.

Ela está alguns centímetros mais longe da parede.

Não parece melhor.

Também não parece pior.

Parece outra.

Isso me incomoda mais do que deveria.

Empurro de volta.

O risco continua no chão.

Passo o pé sobre ele.

Não desaparece.

Talvez eu tenha entendido errado.

Eu queria mudar uma coisa.

Agora há duas.

A mesa voltou ao lugar.

A marca ficou.

Não sei qual delas era a Coisa.

Por enquanto, deixo as duas como estão.

10. Quero encontrar uma coisa

Quero encontrar uma coisa.

Sei qual é.

Isso deveria facilitar.

Está em algum lugar da casa. Não pode ter ido muito longe porque não saí com ela, pelo menos não me lembro de ter saído. É pequena e não faz barulho. Essas duas características dificultam um pouco a procura.

Começo pelo lugar mais provável.

A mesa.

Não está.

Olho embaixo.

Também não.

É estranho procurar uma coisa que deveria estar onde normalmente fica. Quando não está, todos os outros lugares passam a parecer possíveis.

Abro a primeira gaveta.

Encontro uma caneta sem tampa, duas moedas, um recibo e uma pilha pequena de papéis que não sei por que guardei.

Não é.

Na segunda gaveta há cabos. Alguns não reconheço. Um deles talvez seja de um aparelho que já não tenho. Penso em jogar fora.

Não agora.

Continuo procurando.

Vou até a cozinha.

Nada.

Abro uma porta do armário sem saber por quê. Há pratos, copos e uma panela que quase nunca uso. A panela me lembra que preciso limpá-la. Não agora.

Volto.

Talvez tenha ficado no quarto.

No quarto encontro a coisa que pensei ter perdido há duas semanas. Estava sobre a cômoda. Eu a havia procurado justamente ali.

Pego.

Fico olhando.

Não é o que procuro.

Mas eu precisava encontrar isso também.

Coloco de volta.

Agora já não tenho tanta certeza de que a primeira coisa seja tão importante.

Isso não significa que desisti.

Significa apenas que existem coisas que a gente encontra no caminho.

Continuo.

Olho atrás da porta.

Nada.

Debaixo da cama.

Nada.

No bolso de uma calça que não uso há alguns dias, encontro uma moeda. Não me lembro de tê-la colocado ali. Coloco sobre a cômoda.

Já encontrei três coisas.

Nenhuma era a que procurava.

Volto para a sala.

A mesa parece mais cheia do que antes. Não sei se porque trouxe coisas dos outros lugares ou porque agora estou prestando atenção.

Então percebo.

A coisa está aqui.

Estava aqui desde o começo.

Pego.

É ela.

Tenho certeza.

Ou quase.

Porque, agora que a encontrei, já não sei exatamente por que estava procurando.

Fico com a coisa na mão.

Talvez fosse importante encontrá-la.

Talvez fosse apenas importante procurar.

Coloco sobre a mesa.

Por enquanto, não preciso mais dela.

11. Quero lembrar de uma coisa

Quero lembrar de uma coisa.

Lembro que preciso lembrar. Isso basta para começar. Ainda não é a coisa.

Sei que aconteceu há poucos dias. Talvez ontem. Não faz muito tempo. Algumas lembranças permanecem próximas mesmo depois de desaparecerem. Outras envelhecem no instante em que acontecem.

Fecho os olhos.

É um gesto automático.

Os olhos fechados não aproximam a lembrança. Apenas diminuem a quantidade de coisas que competem com ela. Mesmo assim, aparecem uma mesa, uma janela, uma rua. Uma pessoa atravessa a calçada. Não sei se ela pertence à lembrança ou ao momento em que tento lembrá-la.

Abro os olhos.

A coisa continua ausente.

Penso que talvez seja melhor começar pelo lugar.

Eu estava em casa.

Escrevo isso e já não tenho certeza.

A frase parece mais segura do que a lembrança.

Olho ao redor da sala como se ela pudesse confirmar alguma coisa. Os objetos permanecem exatamente onde estão. Nenhum deles demonstra reconhecer o que procuro.

Talvez tenha sido de manhã.

Havia luz.

Ou talvez eu apenas espere que uma manhã tenha luz.

A lembrança aceita facilmente aquilo que parece provável.

É isso que a torna perigosa.

Tento lembrar o que eu fazia.

Nada.

O vazio é preciso demais.

Chego a desconfiar dele.

Talvez eu estivesse dizendo alguma coisa.

Não sei para quem.

Talvez nem houvesse ninguém.

Percebo que comecei procurando uma lembrança e agora observo a facilidade com que ela aceita pequenas invenções. Elas entram devagar. Primeiro parecem ajudar. Depois

ocupam o lugar do que faltava.

Levanto-me.

Vou até a cozinha.

Abro a geladeira.

Fecho.

Não espero encontrar uma lembrança ali.

Mas também não esperava abrir a geladeira.

Volto para a sala.

Sento-me.

Agora alguma coisa mudou.

Não a lembrança.

Eu.

Tenho a impressão de que passei tempo suficiente tentando lembrar para produzir outra coisa.

Ainda penso que havia uma pergunta.

Não sei qual.

Desta vez não tento completá-la.

Ela permanece incompleta por conta própria.

Fico olhando para isso.

Talvez a lembrança nunca tenha desaparecido.

Talvez tenha apenas deixado de precisar que eu a encontrasse.

Espero mais um pouco.

Não acontece nada.

Quando finalmente desisto, percebo que já não consigo lembrar exatamente o que eu estava tentando lembrar no começo deste texto.

12. Quero dizer uma coisa

Quero dizer uma coisa.

É melhor dizer antes que ela mude.

Não é difícil. Também não é importante. Pelo menos não parecia quando pensei nela pela primeira vez.

Agora já não sei.

Tenho a impressão de que uma coisa muda de tamanho enquanto espera para ser dita.

Sento-me.

Penso que basta começar.

Não começo.

Abro uma nota no celular.

Escrevo:

"Quero dizer..."

Paro.

Os três pontos parecem saber mais do que eu.

Apago.

Escrevo:

"Preciso dizer..."

Apago de novo.

Não preciso.

Ainda quero.

A diferença é pequena, mas altera a frase inteira.

Olho para a tela.

Ela continua esperando.

Não me pede nenhuma palavra específica.

Sou eu quem imagina essa exigência.

Talvez fosse melhor falar em voz alta.

A sala está vazia.

Isso deveria facilitar.

Digo apenas:

"Eu..."

A palavra permanece sozinha.

Não parece incompleta.

Parece suficiente.

Espero que a frase continue por conta própria.

Ela não continua.

Vou até a janela.

Abro.

A rua não interrompe o que eu estava tentando dizer.

Também não ajuda.

Um carro passa.

Uma bicicleta passa logo depois.

As duas coisas desaparecem antes que eu consiga pensar nelas.

Talvez dizer seja isso.

Não segurar tempo suficiente para que alguma coisa se transforme em explicação.

Fecho a janela.

Volto para a cadeira.

Percebo que já não estou procurando a melhor maneira de dizer.

Estou tentando descobrir se ainda existe aquilo que eu queria dizer.

Essa dúvida não estava aqui no começo.

Agora ocupa quase todo o lugar.

Leio novamente a nota.

Ela continua vazia.

Não exatamente.

A tela não mudou.

Quem mudou fui eu enquanto esperava a primeira frase.

Penso em escrever qualquer coisa.

Não escrevo.

Pela primeira vez, desconfio de que aquilo que eu queria dizer só existia enquanto ainda não tinha sido dito.

Depois dessa ideia, já não consigo saber se continuo diante da mesma coisa.

Fecho a nota.

Não salvo.

Também não apago.

Deixo que ela permaneça exatamente entre as duas possibilidades.

Saio da mesa.

No caminho até a porta, tento lembrar qual era a

primeira frase que eu pretendia escrever.

Não consigo.

Acho isso menos estranho do que deveria.

13. Quero cancelar uma coisa

Quero cancelar uma coisa.

É uma assinatura.

Durante algum tempo achei que ela fazia parte da minha rotina. Depois deixou de fazer, mas continuou acontecendo todos os meses, discretamente, sem pedir atenção.

Hoje resolvo cancelar.

Abro o aplicativo.

Entro na conta.

A assinatura continua lá.

Isso não me surpreende.

O que me surpreende é a quantidade de caminhos que levam para longe do cancelamento.

Há opções para melhorar o plano.

Reduzir o preço.

Conhecer vantagens.

Fazer uma pausa.

Cancelar não aparece.

Continuo procurando.

Encontro uma tela que pergunta o que eu perderia.

Leio tudo.

Descubro benefícios que nunca usei.

Alguns parecem úteis justamente agora que penso em ir embora.

Acho isso uma estratégia elegante.

Primeiro mostram o que existe.

Depois perguntam se tenho certeza.

Ainda não cliquei em nada.

Mesmo assim, a pergunta já foi feita.

Fico olhando para ela.

Percebo que não está perguntando apenas sobre a assinatura.

"Tem certeza?"

É uma pergunta que funciona sozinha.

Fecho a tela.

Abro novamente.

Desta vez encontro a opção de cancelar.

Ela estava escondida no fim da página, como se esperasse

que eu desistisse antes de chegar até ela.

Leio a palavra.

Cancelar.

Não clico.

Pela primeira vez, a assinatura deixa de ser o assunto.

Começo a pensar em todas as pequenas coisas que continuam existindo porque nunca encontrei um instante suficientemente definitivo para encerrá-las.

Algumas são assinaturas.

Outras não.

Volto para a tela.

A palavra continua no mesmo lugar.

Ela não perdeu a paciência.

Eu perdi alguma coisa.

Não sei exatamente o quê.

Talvez a decisão.

Talvez apenas o momento.

Fecho o aplicativo.

A assinatura permanece ativa.

Isso eu já esperava.

O que não esperava era sair com a impressão de que cancelar uma coisa exige descobrir antes quando ela deixou de acontecer.

Não encontro essa data.

Sem ela, o cancelamento parece incompleto.

Deixo o celular sobre a mesa.

Por alguns instantes, tenho a impressão de que a assinatura já terminou.

Só continua sendo cobrada.

14. Quero devolver uma coisa

Quero devolver uma coisa.

Ela está comigo há tempo suficiente para que eu tenha deixado de pensar nela como emprestada.

Isso não significa que tenha passado a ser minha.

Significa apenas que me acostumei à sua presença.

Está na estante.

Sempre no mesmo lugar.

Toda vez que olho para ela lembro que preciso devolvê-la.

Nunca lembro disso quando estou longe da estante.

Pego a coisa.

Ela encaixa na mão com uma facilidade que não deveria ter.

O corpo aprende depressa aquilo que a memória ainda tenta corrigir.

Coloco-a sobre a mesa.

Penso em limpá-la.

Desisto.

Não está suja.

Também não está exatamente igual ao dia em que chegou.

Talvez nenhuma coisa permaneça igual depois de passar um tempo na casa de outra pessoa.

Procuro uma sacola.

Encontro.

Coloco a coisa dentro.

Imediatamente ela deixa de parecer uma coisa da casa.

Passa a parecer uma coisa em trânsito.

Tiro da sacola.

Ainda não.

Olho a hora.

Daria tempo de devolver.

Também daria tempo de não devolver.

As duas possibilidades cabem perfeitamente na mesma tarde.

Pego a chave.

Dou alguns passos.

Volto.

Esqueci a coisa sobre a mesa.

Acho estranho esquecer justamente aquilo que eu estava levando para devolver.

Seguro-a novamente.

Agora noto um detalhe que nunca tinha visto.

Não sei se ele sempre esteve ali.

Ou se apareceu porque, pela primeira vez, olho para a coisa como alguém que está prestes a deixá-la.

Fico alguns instantes observando.

A devolução já não parece um gesto simples.

Enquanto a coisa estava comigo, ela mudava aos poucos.

Talvez eu também.

Não sei qual dos dois tornou a devolução mais difícil.

Coloco-a novamente na estante.

Exatamente no mesmo lugar.

A diferença é quase invisível.

Mas ela já não está ali da mesma maneira.

Agora não espero apenas o dia de devolvê-la.

Espero descobrir quando ela deixou de ser apenas uma coisa emprestada.

Ainda não sei.

Sem essa resposta, sair de casa me parece cedo demais.

15. Quero começar de novo

Quero começar de novo.

Não tudo.

Uma coisa basta.

Ela já começou uma vez.

Não terminou.

Também não fracassou.

Ficou num lugar onde já não era início e ainda não podia ser continuação.

Durante algum tempo achei que isso fosse provisório.

Agora começo a desconfiar de que algumas coisas permanecem justamente nesse intervalo.

A coisa continua aqui.

Reconheço-a imediatamente.

Ela também parece me reconhecer.

Nenhum dos dois sabe exatamente de onde.

Pego a coisa.

Espero.

Não porque esteja preparando um novo começo.

Porque percebo que ainda procuro o primeiro.

Olho para a mesa.

Penso em colocá-la ali.

Não coloco.

A mesa já conhece essa tentativa.

Levo a coisa até o chão.

Também não.

O chão apenas muda a altura.

Não muda o começo.

Sorrio.

Passei mais tempo procurando um lugar para recomeçar do que tentando recomeçar.

Talvez eu tenha confundido o início com o cenário.

Continuo segurando a coisa.

Ela pesa exatamente o mesmo.

Quem mudou fui eu.

Isso não facilita.

Também não dificulta.

Apenas torna impossível repetir o começo anterior.

Percebo, então, que venho dizendo "começar de novo" como se existisse um caminho de volta.

Não existe.

Mesmo que eu repetisse todos os gestos, seria outra pessoa repetindo.

A coisa também não é a mesma.

Ela envelheceu enquanto esperava.

Talvez tenha mudado sem fazer nenhum movimento.

Olho para ela mais uma vez.

Tenho a impressão de que já não está esperando que eu comece.

Essa ideia dura muito pouco.

Ainda assim, não desaparece.

Coloco a coisa onde estava.

Não por desistência.

Porque, pela primeira vez, não tenho certeza de que recomeçar signifique voltar a fazer alguma coisa.

Talvez seja apenas perceber que ela já começou outra vez sem mim.

16. Quero terminar uma coisa

Quero terminar uma coisa.

Ela já começou.

Isso deveria facilitar.

Durante muito tempo achei que terminar fosse apenas continuar até o fim.

Agora não tenho mais certeza.

Olho para a coisa.

Falta muito pouco.

É justamente isso que me impede.

Enquanto faltava bastante, eu sabia o que fazer.

Agora resta apenas um gesto.

Um gesto é mais difícil de distribuir ao longo do tempo.

Pego o que preciso.

Coloco ao lado.

Começo.

Faço uma parte.

Depois outra.

A coisa muda discretamente de aspecto.

Já parece quase terminada.

Essa proximidade altera tudo.

Até agora eu podia imaginar como ela seria.

Daqui a pouco só poderei olhar para o que ela é.

Paro.

Não porque tenha encontrado uma dificuldade.

Porque percebo que o fim elimina uma pergunta que me acompanhou durante todo o tempo.

Enquanto a coisa permanecia incompleta, ela ainda perguntava alguma coisa.

Terminada, talvez responda.

Não sei se quero essa resposta.

Continuo.

Falta apenas um detalhe.

Olho para ele durante alguns instantes.

Tenho a impressão de que esse detalhe sustenta todo o resto.

Sem ele, a coisa continua aberta.

Com ele, deixa de me pertencer.

Aproximo a mão.

Faço o último movimento.

Agora terminou.

Espero.

Nada muda.

A coisa permanece exatamente onde estava.

Só eu deixei de ocupar o lugar de quem ainda podia terminá-la.

Essa diferença é maior do que imaginei.

Continuo olhando.

Depois de algum tempo, aproximo novamente a mão.

Não retiro nenhuma peça.

Não desfaço nada.

Apenas verifico se realmente terminou.

Ela não responde.

Percebo então que terminar uma coisa não produz necessariamente um fim.

Produz apenas alguém que já não pode continuar fazendo a mesma coisa.

Saio da mesa.

Quando chego à porta, olho para trás.

Por um instante, tenho a impressão de que ainda falta alguma coisa.

Não volto para conferir.

17. Quero esperar uma coisa

Quero esperar uma coisa.

Não sei exatamente o quê.

Mesmo assim, tenho a impressão de que ela já está a caminho.

Coloco o celular sobre a mesa.

A tela fica voltada para cima.

Não porque espere uma mensagem.

Porque preciso de um lugar onde a espera possa acontecer.

Sento-me.

Ainda é cedo.

Não sei para quê.

Faço café.

Enquanto a água esquenta, volto duas vezes para olhar o celular.

Nada.

Isso não altera a espera.

Apenas confirma que ela continua existindo.

Volto para a mesa.

Percebo que comecei a esperar uma hora, não uma coisa.

Como se o acontecimento dependesse menos do que vai acontecer do que do momento em que poderá acontecer.

Olho o relógio.

Os minutos passam normalmente.

Quem não consegue acompanhá-los sou eu.

Abro uma notícia.

Leio até o fim.

Não lembro de nenhuma frase.

Fecho.

O celular permanece imóvel.

Penso que talvez eu tenha inventado um acontecimento apenas para justificar essa disposição de esperar.

A ideia me incomoda.

Não porque pareça falsa.

Porque parece possível.

Continuo esperando.

Agora já não sei se espero uma mensagem, uma notícia ou

apenas a sensação de que alguma coisa está prestes a mudar.

Essa sensação é muito convincente.

Mais convincente do que a própria mudança.

Olho novamente para o celular.

Nada.

Desta vez não sinto decepção.

Sinto uma espécie de continuidade.

Como se o silêncio também estivesse participando daquilo que espero.

Deixo o celular virado para baixo.

Não quero mais observar a espera acontecendo.

Quero ver o que acontece quando deixo de observá-la.

Passam alguns minutos.

Não sei quantos.

Percebo então que continuo esperando exatamente da mesma maneira.

A posição do celular não mudou nada.

Quem precisava vê-lo era eu.

Levanto-me.

Antes de sair da sala, olho uma última vez para a mesa.

Por um instante, tenho a impressão de que a coisa já aconteceu.

Não porque tenha chegado.

Porque a espera deixou de apontar para ela e começou a existir sozinha.

Saio sem levar o celular.

Só percebo isso quando já estou em outro cômodo.

Não volto.

18. Quero decidir uma coisa

Quero decidir uma coisa.

Pensei bastante.

Talvez mais do que a decisão precisava.

Tenho duas possibilidades.

Durante algum tempo achei que bastaria descobrir qual delas era melhor.

Agora percebo que essa não é exatamente a pergunta.

Olho para as duas.

Nenhuma parece pedir para ser escolhida.

Esperam com a mesma tranquilidade.

Imagino a primeira.

Ela funciona.

Imagino a segunda.

Ela também.

As diferenças diminuem cada vez que tento esclarecê-las.

Pego uma folha.

Escrevo um nome de cada lado.

Faço duas listas.

Apago uma palavra.

Escrevo outra.

Risco novamente.

Depois de alguns minutos, percebo que já não estou comparando as duas possibilidades.

Estou apenas reorganizando as razões.

Dobro a folha.

Ela ficou mais decidida do que eu.

Digo em voz alta:

"Escolho a primeira."

Espero alguma mudança.

Nada acontece.

Repito a frase.

Ela continua soando como uma hipótese.

Penso então na segunda.

Imediatamente ela ganha uma nitidez que não tinha antes.

Não porque tenha melhorado.

Porque começou a desaparecer.

Talvez seja esse o trabalho das escolhas.

Dar mais brilho justamente ao que deixará de existir.

Olho outra vez para a folha dobrada.

Tenho vontade de jogá-la fora.

Não jogo.

Também não a abro.

Percebo que ainda trato as duas possibilidades como se estivessem esperando por mim.

Talvez nunca tenham esperado.

Talvez a única coisa parada aqui seja eu.

Essa ideia permanece alguns instantes.

Depois perde a força.

Continuo sem decidir.

Mas a indecisão já não parece um intervalo entre duas escolhas.

Parece uma terceira coisa.

Não sei quando ela apareceu.

Também não sei se foi ela que adiou a decisão ou se a

decisão demorou tanto que acabou produzindo outra coisa.

Deixo a folha sobre a mesa.

Saio do quarto.

Quando volto alguns minutos depois, não consigo lembrar qual das duas possibilidades parecia mais importante.

A folha continua dobrada.

Pela primeira vez, tenho a impressão de que ela já decidiu alguma coisa.

Não para mim.

19. Quero deixar uma coisa para trás

Quero deixar uma coisa para trás.

Não sei se isso significa esquecer.

Esquecer parece um acontecimento.

Deixar para trás parece apenas um modo de continuar.

É isso que tento fazer.

Continuar.

A coisa não ocupa espaço.

Mesmo assim, percebo quando ela entra comigo num cômodo.

Não preciso vê-la.

Basta notar que continuo organizando meus pensamentos ao redor dela.

Penso que talvez seja suficiente não pensar.

Durante alguns instantes consigo.

Depois percebo que estou conseguindo.

Nesse momento ela volta.

Não porque tenha retornado.

Porque nunca saiu.

Vou até a janela.

Olho a árvore.

Um carro passa.

Alguém atravessa a rua.

Essas coisas não precisam que eu continue pensando nelas para permanecerem existindo.

A outra precisa.

Ou talvez eu precise.

Saio da janela.

Lavo um copo.

Depois outro.

Abro uma gaveta.

Fecho.

Endireito um livro que já estava direito.

A casa aceita essas pequenas tarefas sem perguntar por quê.

Eu também.

Passa algum tempo.

Não sei quanto.

Percebo que deixei de pensar na coisa.

A satisfação dura pouco.

Logo começo a pensar que deixei de pensar.

Ela reaparece discretamente.

Não como lembrança.

Como método.

Paro no meio da sala.

Talvez eu esteja imaginando que deixar uma coisa para trás seja um gesto.

Talvez seja apenas uma distância que aumenta sozinha.

Essa ideia permanece comigo enquanto caminho pela casa.

Não olho para trás.

Também não sinto necessidade.

Pela primeira vez, não sei dizer onde a coisa ficou.

Essa dúvida me parece suficiente.

Continuo andando.

Depois de alguns passos, começo a pensar em outra coisa.

Não percebo exatamente quando isso acontece.

Só noto porque, de repente, tento lembrar daquilo que queria deixar para trás.

Ela continua existindo.

Mas já não ocupa o mesmo lugar.

Não fui eu quem a deixou para trás.

Foi o caminho que passou entre nós.

20. Quero deixar uma coisa como está

Quero deixar uma coisa como está.

Parece a mais simples de todas as intenções.

Não fazer nada.

A planta está perto da janela.

Há meses ocupa o mesmo lugar.

Cresceu um pouco para um dos lados.

Poderia girar o vaso.

Também poderia aproximá-lo da luz.

Penso nessas duas possibilidades.

Não faço nenhuma.

Olho para a planta.

Uma folha amarela.

Outra acabou de nascer.

As duas pertencem à mesma planta.

A diferença entre elas parece maior do que a distância entre o começo e o fim.

Aproximo-me.

Não preciso.

Mesmo assim, continuo andando até ela.

Paro.

Percebo que olhar de perto já modifica alguma coisa.

Não a planta.

O modo como passo a vê-la.

Volto para a cadeira.

Ela continua exatamente onde estava.

Isso me tranquiliza por alguns instantes.

Depois começo a pensar se a terra está seca.

Não toco.

Se tocar, talvez encontre uma razão para regar.

Se regar, deixarei de cumprir o único propósito desta manhã.

Deixar a planta como está.

Continuo olhando.

Quanto mais tempo passa, mais difícil fica saber o que significa "como está".

A folha nova cresce.

Ou talvez apenas se torne mais visível.

A folha amarela continua amarela.

Mas já não me parece a mesma.

Percebo então que nenhuma das duas esperou minha decisão para mudar.

A planta não ficou como estava.

Foi eu quem permaneci tentando encontrá-la no mesmo lugar.

Levanto-me outra vez.

Chego perto.

Não toco.

Também não verifico a terra.

Pela primeira vez, entendo que deixar uma coisa como está não significa impedir que ela mude.

Significa aceitar que ela continuará mudando mesmo quando ninguém fizer nada.

Volto para a cadeira.

Agora a planta parece mais tranquila do que eu.

Fico olhando mais um pouco.

Quando finalmente desvio os olhos, já não sei dizer em que momento ela deixou de ser a mesma planta com a qual comecei este texto.

21. Quero saber uma coisa

Quero saber uma coisa.

Não sei onde essa coisa fica.

Se soubesse, bastaria procurá-la.

Abro uma folha.

Penso em escrever a pergunta.

Antes disso, percebo que ainda não sei qual é.

Escrevo:

"Como?"

Olho.

A palavra espera alguma coisa.

Não sei o quê.

Acrescento:

"Como aconteceu?"

Agora parece faltar justamente aquilo que deveria ser mais fácil.

O que aconteceu?

Fico olhando para a frase.

Ela parece correta.

Também parece vazia.

Risco.

Escrevo outra vez.

Não melhora.

Talvez eu tenha começado pela pergunta errada.

Penso em escrever:

"Se aconteceu..."

Paro antes de terminar.

Essa possibilidade não estava aqui quando sentei.

Agora ocupa quase toda a folha.

Fecho os olhos.

Tento lembrar.

Não encontro o acontecimento.

Encontro apenas a sensação de que ele existiu.

Essa sensação é muito convincente.

Mais convincente do que qualquer lembrança.

Abro os olhos.

Pego o celular.

Escolho uma conversa.

Penso em perguntar.

Antes da primeira palavra, percebo que precisaria explicar o motivo da pergunta.

Não consigo.

Fecho a conversa.

Volto para a folha.

Ela continua esperando.

De repente noto que já não estou tentando descobrir uma resposta.

Estou tentando descobrir se a pergunta merece existir.

Essa dúvida muda completamente o que eu fazia aqui.

Dobro a folha.

Depois torno a abri-la.

A pergunta permanece exatamente como antes.

Quem não permanece sou eu.

Percebo que passei tempo suficiente tentando saber uma coisa para deixar de saber qual era a primeira dúvida.

Agora existem várias.

Nenhuma parece mais importante do que as outras.

Olho mais uma vez para a folha.

Tenho vontade de escrever qualquer resposta.

Não escrevo.

Uma resposta inventada encerraria uma pergunta que talvez ainda nem tenha começado.

Dobro a folha novamente.

Desta vez não a guardo.

Deixo-a sobre a mesa.

Enquanto saio da sala, penso que talvez algumas perguntas não existam para serem respondidas.

Existam apenas para impedir que uma resposta aconteça cedo demais.

22. Quero encontrar uma palavra

Quero encontrar uma palavra.

Ela deve estar muito perto.

As palavras difíceis costumam avisar que são difíceis.

Esta não.

É uma palavra comum.

Talvez eu a tenha dito hoje sem perceber.

Agora não consigo encontrá-la.

Sei o que quero dizer.

Isso deveria bastar.

Não basta.

Penso em "acontecimento".

A palavra chega primeiro.

Logo depois percebo que ela pesa mais do que a coisa que quero nomear.

Penso em "episódio".

Parece encerrado.

Não está.

Penso em "situação".

Ela ainda acontece enquanto é dita.

Também não serve.

Abro o dicionário.

Não espero encontrá-la ali.

Mesmo assim, procuro.

Leio algumas definições.

Cada uma parece afastar um pouco mais a palavra que procuro.

Fecho o dicionário.

Por alguns instantes fico apenas olhando para a tela.

Não penso em nenhuma palavra.

Penso no espaço onde ela deveria aparecer.

Talvez seja isso que procuro desde o começo.

Não uma palavra.

O lugar onde ela ainda não existe.

Escrevo:

"Uma coisa..."

Paro.

A frase permanece aberta.

Não me incomoda.

Acrescento:

"Uma coisa aconteceu."

Leio.

Apago "aconteceu".

Fica apenas:

"Uma coisa."

Desta vez não apago.

Percebo que a palavra "coisa" não resolve a falta.

Também não tenta escondê-la.

Ela apenas conserva um espaço.

Continuo olhando.

De repente noto que já não procuro uma palavra para dizer alguma coisa.

Procuro uma palavra que ainda permita que essa coisa continue mudando.

Talvez seja por isso que nenhuma das outras serviu.

Todas encerravam cedo demais.

"Coisa" não.

Ela permanece aberta.

Fecho o arquivo.

Não porque encontrei a palavra.

Porque deixei de acreditar que ela estivesse esperando por mim.

Quando me levanto da cadeira, tento lembrar qual era a palavra que eu queria encontrar.

Não consigo.

Curiosamente, isso já não me parece uma perda.

Talvez, enquanto procurei uma palavra, outra coisa tenha aprendido a falar sozinha.

23. Quero explicar uma coisa

Quero explicar uma coisa.
Não porque alguém tenha perguntado.

Talvez isso seja importante.

Quando alguém pergunta, a gente sabe mais ou menos por onde começar. Pode responder à pergunta ou dizer que não sabe. Quando ninguém pergunta, a explicação precisa encontrar sozinha uma razão para existir.

Mesmo assim, quero explicar.

É uma coisa simples.

Pelo menos era.

Começo pelo começo.

A coisa aconteceu de um jeito que não sei se foi exatamente daquele jeito. Isso não ajuda muito, mas é o mais próximo que consigo chegar da verdade sem inventar.

Talvez eu esteja exigindo demais de uma explicação.

Uma explicação não precisa reproduzir o que aconteceu. Precisa apenas tornar possível entender.

Então vou tentar novamente.

Aconteceu assim.

Paro.

Não aconteceu assim.

Ou aconteceu, mas não foi isso que aconteceu.

É difícil explicar uma coisa quando se sabe que qualquer ordem escolhida para contá-la já altera um pouco aquilo que aconteceu.

Posso começar pelo resultado.

Mas, se começo pelo resultado, o que veio antes passa a parecer que estava destinado a produzi-lo.

Não sei se estava.

Posso começar pelo início.

Mas o início só parece início porque sei onde a coisa terminou.

Isso também não serve.

Talvez eu devesse contar apenas o que tenho certeza.

Faço uma lista.

Primeiro: aconteceu.

Segundo: eu estava lá.

Terceiro: alguma coisa mudou.

Quarto: não sei exatamente o que mudou.

Apago o quarto.

Agora a explicação parece mais segura.

Mas não é mais verdadeira.

Coloco de volta.

Talvez seja melhor dizer que alguma coisa mudou e eu só percebi depois.

Isso parece correto.

Mas "depois" também é uma palavra perigosa.

Depois de quê?

Não sei.

Retiro a lista.

A explicação está ficando maior do que a coisa que eu queria explicar.

Isso não deveria acontecer.

Uma explicação deveria diminuir uma coisa até que ela pudesse ser entendida. Mas talvez, ao diminuir, eu esteja retirando justamente aquilo que fazia dela o que era.

Penso em desistir.

Não quero.

Ainda quero explicar.

Talvez eu possa dizer apenas:

"Foi assim."

Escrevo.

Leio.

A frase parece convincente.

É curta, segura e não explica nada.

Talvez seja por isso que funcione.

Fico olhando para ela.

Por um instante tenho a impressão de que finalmente consegui.

Mas não.

Agora existe uma frase onde antes havia uma coisa.

Não sei se isso é explicar.

Por enquanto, deixo assim.

Depois talvez eu tente explicar o que quis dizer com "foi assim".

24. Quero mudar de ideia

Quero mudar de ideia.

Não sei se posso.

Uma ideia não parece uma coisa que se possa simplesmente pegar e colocar em outro lugar. Se fosse uma cadeira, seria mais fácil. Bastaria levantar, carregar e deixar onde antes não estava. Uma ideia não. A gente pensa que mudou de ideia e depois descobre que apenas acrescentou outra.

Mesmo assim, quero mudar.

Já não concordo com uma coisa que pensei.

Não me lembro exatamente do que pensei.

Isso dificulta.

Talvez eu possa começar pela conclusão. Eu achava que uma coisa era de determinado jeito. Agora acho que não é. A frase parece suficiente, mas, quando tento completar, descubro que não sei mais de que jeito achava que era.

Penso um pouco.

Lembro.

Ou acho que lembro.

Era uma coisa bastante simples. Eu tinha certeza.

Agora não tenho.

Isso significa que já mudei de ideia?

Talvez.

Mas uma dúvida não é necessariamente uma ideia nova. Pode ser apenas a falta da antiga.

Essa diferença me interessa.

Se eu não sei mais o que pensava, talvez não tenha mudado de ideia. Talvez tenha apenas perdido a ideia.

Procuro no celular.

Não encontro nada.

Eu poderia ter escrito.

Não escrevi.

Então talvez a ideia nunca tenha sido tão clara quanto imagino.

Isso me incomoda.

Quero recuperar a ideia anterior para poder discordar dela corretamente.

É estranho precisar voltar para uma coisa da qual quero sair.

Tento reconstruí-la.

Era mais ou menos assim:

"Uma coisa, quando acontece, passa a ser aquilo que aconteceu."

Não.

Não era isso.

Mas poderia ter sido.

E, se poderia ter sido, já estou inventando a ideia para depois poder mudá-la.

Paro.

Talvez seja melhor.

Penso agora o contrário:

"Uma coisa não precisa continuar sendo aquilo que aconteceu."

Gosto mais dessa.

Talvez seja porque acabei de inventá-la.

Fico algum tempo olhando para a frase.

Parece uma boa ideia.

Isso é um problema.

Eu queria mudar de ideia.

Agora tenho uma.

Não sei se é nova.

Também não sei se é minha.

Talvez uma ideia seja assim: alguma coisa que aparece e, enquanto a gente tenta descobrir se concorda com ela, já começa a mudar.

Apago a frase.

Pronto.

Agora não tenho ideia nenhuma.

Isso deveria resolver.

Mas continuo pensando.

Talvez eu tenha mudado de ideia sem saber qual era a ideia.

Se foi isso, deu certo.

Só não sei em relação a quê.

25. Quero deixar uma coisa acontecer

Quero deixar uma coisa acontecer.

É diferente de fazer.

Quando faço, preciso começar. Quando deixo acontecer, basta não atrapalhar. Parece mais simples, embora eu suspeite que não seja.

A coisa já está começando.

Não sei exatamente quando começou. Talvez tenha começado antes de eu perceber. Isso não é impossível. Algumas coisas começam sem pedir autorização e só depois aparecem com a aparência de terem sido iniciadas por alguém.

Não quero interferir.

É uma decisão.

Pelo menos parece.

Sento-me e espero que aconteça.

Não como da outra vez. Agora não estou esperando uma coisa específica. Sei apenas que há alguma coisa em andamento e quero deixar que siga seu curso.

A expressão "seu curso" me incomoda.

Uma coisa não tem curso.

Um rio tem.

Uma coisa tem começo, meio e fim, suponho. Ou não. Talvez isso dependa da coisa.

Não importa.

Quero deixar acontecer.

O problema é que, para não interferir, preciso saber o que seria interferir.

Se eu falar, posso interferir.

Fico quieto.

Se eu me levantar, talvez interfira.

Continuo sentado.

Se eu pensar demais, talvez também.

Isso é mais difícil.

Tento não pensar.

Não consigo.

Então talvez pensar não seja interferir.

Talvez interferir seja fazer alguma coisa com aquilo que penso.

Isso parece razoável.

Penso.

A coisa continua.

Ou talvez não.

Não consigo ver nenhuma diferença.

Talvez uma coisa que está acontecendo não precise mostrar que está acontecendo. Talvez eu esteja esperando um sinal para reconhecer um acontecimento que já começou.

Olho ao redor.

Nada.

A janela continua aberta.

O copo está sobre a mesa.

A planta está perto da janela.

O celular está virado para baixo.

Tudo parece exatamente como antes.

Isso me decepciona um pouco.

Não deveria.

Se quero deixar uma coisa acontecer, não posso exigir que ela aconteça de uma maneira que eu consiga reconhecer.

Talvez seja esse o meu erro.

Estou tentando deixar acontecer uma coisa que ainda quero controlar.

Levanto-me.

Dou dois passos.

Paro.

Não sei se isso foi interferência.

Volto para a cadeira.

Agora já não sei se estou deixando a coisa acontecer ou se estou apenas deixando de fazer alguma coisa.

Talvez sejam a mesma coisa.

Talvez não.

Olho novamente para a sala.

A luz mudou.

Não sei quando.

Isso me interessa.

Nada aconteceu.

E, no entanto, a sala está diferente.

Talvez eu tenha conseguido.

Ou talvez a coisa tenha acontecido sem mim.

Por enquanto, prefiro pensar que deixei.

26. Quero reconhecer uma coisa

Quero reconhecer uma coisa.

Não deveria ser difícil.

Eu já a conheço.

É uma coisa que vi muitas vezes, que toquei, que deixei em lugares diferentes e depois procurei nesses mesmos lugares. Sei como ela é. Pelo menos achava que sabia.

Coloco-a sobre a mesa.

Olho.

Reconheço.

É ela.

Não há dúvida.

Mesmo assim, alguma coisa não está certa.

Talvez seja a posição.

Giro um pouco.

Agora parece mais familiar.

Não era isso.

Pego.

O peso é o mesmo.

Ou quase.

Não sei como se mede o peso de uma coisa que a gente já conhece. Talvez a mão não compare apenas peso. Compare também aquilo que esperava encontrar.

Seguro por alguns segundos.

Ainda é ela.

Coloco de volta.

Acho que o problema está na luz.

Mudo a coisa de lugar.

A luz muda.

A coisa também.

Não deveria.

Ando até a janela.

Agora consigo vê-la melhor.

Fico olhando.

É estranho.

Quanto mais claramente vejo, menos certeza tenho de que a reconheço.

Talvez eu esteja procurando alguma característica que não consigo lembrar.

Penso em como era antes.

Não consigo.

Isso não significa que tenha mudado. Uma coisa pode continuar igual enquanto a memória muda em torno dela.

Essa possibilidade me tranquiliza.

Volto à mesa.

Pego novamente.

Desta vez não olho.

Reconheço pelo toque.

É ela.

Abro os olhos.

Sim.

Ainda é.

Mas agora há outra coisa.

Não sei dizer o que é.

Talvez seja apenas o tempo que passou entre uma vez e outra. Talvez seja o fato de eu ter procurado tanto uma

coisa que, quando finalmente a encontro, já não procuro exatamente aquilo que procurava.

Isso não parece justo.

Com a coisa.

Ou comigo.

Penso que talvez eu devesse deixá-la em paz.

Coloco-a no lugar de sempre.

Fico alguns passos distante.

Agora, sem tocar, ela parece novamente familiar.

Talvez seja melhor não chegar perto.

Dou mais um passo.

A familiaridade diminui.

Paro.

É curioso.

A coisa que eu conheço parece mais conhecida quando não olho muito para ela.

Talvez reconhecer seja isso.

Não saber exatamente o que está diante de nós, mas saber que já estivemos diante de alguma coisa parecida.

Fico onde estou.

A coisa continua sobre a mesa.

Eu a reconheço.

Pelo menos de longe.

Por enquanto, isso basta.

27. Quero chamar uma coisa pelo nome certo

Quero chamar uma coisa pelo nome certo.

Não deveria ser difícil.

As coisas têm nomes.

Uma mesa é uma mesa. Uma janela é uma janela. Uma cadeira pode até ser confundida com outra cadeira, mas continua sendo cadeira. Não vejo por que uma coisa que conheço há algum tempo deveria apresentar esse problema.

Mesmo assim, não sei como chamá-la.

Tenho usado uma palavra provisória.

"Coisa."

É uma palavra conveniente porque não exige muita precisão. Serve enquanto a gente ainda não sabe. O problema é que, depois de algum tempo, a palavra começa a parecer o próprio nome.

Não quero isso.

Quero o nome certo.

Penso em algumas possibilidades.

Objeto.

Não.

Objeto parece frio. Além disso, tudo pode ser objeto quando alguém resolve olhar de determinada maneira.

Não serve.

Lembrança.

Também não.

Já tentei pensar nela como lembrança, mas isso coloca dentro da coisa alguma coisa que talvez não esteja lá.

Talvez seja apenas uma coisa.

Volto à primeira palavra.

Isso não me agrada.

Procuro outra.

Aquilo.

"Aquilo" parece melhor porque não obriga a dizer exatamente o que é. Mas também não nomeia. Apenas aponta.

Uma palavra que aponta não é necessariamente um nome.

Pelo menos acho que não.

Pego a coisa.

Digo em voz alta uma palavra qualquer.

Ela não combina.

Tento outra.

Também não.

É estranho. A coisa não muda, mas cada palavra faz com que pareça ligeiramente diferente.

"Pequena."

Agora parece menor.

"Antiga."

Parece mais distante.

"Minha."

Isso foi um erro.

Retiro a palavra.

A coisa continua na minha mão.

Talvez seja impossível encontrar o nome certo sem acrescentar alguma coisa que não estava ali antes.

Mas isso não faz sentido.

O nome não deveria acrescentar.

Deveria apenas dizer.

Penso em uma palavra que não usei.

Quando ela aparece, tenho uma sensação imediata de reconhecimento.

É essa.

Não sei por quê.

Repito.

Agora parece ainda mais certa.

Coloco a coisa sobre a mesa e digo novamente.

A coisa parece diferente.

Não mudou.

Eu sei.

Mas agora, quando olho para ela, vejo também a palavra.

Talvez seja assim que as coisas recebem nomes.

Ou talvez seja assim que os nomes começam a receber coisas.

Não quero pensar nisso.

Finalmente encontrei.

Tenho o nome certo.

Por enquanto, não vou dizer qual é.

Se eu disser, talvez a coisa passe a ser exatamente aquilo.

E ainda não tenho certeza de que quero isso.

28. Quero tirar uma coisa do lugar

Quero tirar uma coisa do lugar.

Não porque esteja atrapalhando.

Ela está ali há algum tempo e, até hoje, não me incomodou. Talvez eu só tenha começado a perceber que poderia estar em outro lugar.

Isso é diferente.

Uma coisa pode estar no lugar errado sem estar atrapalhando ninguém.

Pego.

É mais leve do que eu lembrava.

Talvez eu não lembrasse do peso. Peso é uma dessas coisas que só se percebe quando se precisa carregar.

Levo até a outra parte da sala.

Coloco sobre uma superfície vazia.

Não fica bem.

Não sei o que significa uma coisa ficar bem em algum lugar. Talvez seja apenas quando a gente não sente necessidade de justificar por que a colocou ali.

Aqui preciso justificar.

Volto a pegar.

Enquanto caminho, penso no lugar anterior.

Agora ele parece vazio.

Não deveria.

A coisa não estava ali para preencher o espaço. Pelo menos nunca pensei nisso. Mesmo assim, quando uma coisa sai de um lugar onde ficou durante muito tempo, o lugar passa a mostrar que esperava por ela.

Isso é uma impressão.

Não quero começar a inventar intenções para lugares.

Volto à mesa.

Coloco a coisa de volta.

Agora parece grande.

Antes não parecia.

Talvez porque eu tenha acabado de vê-la em outro lugar.

Isso me faz pensar que talvez nenhuma coisa tenha um tamanho próprio. O tamanho depende das coisas que estão em volta, da distância, da luz, do espaço disponível.

Não sei se isso é verdade.

Também não é importante.

Quero apenas encontrar um lugar melhor.

Tento perto da janela.

Fica bem.

Talvez até melhor do que antes.

Deixo ali.

Dou alguns passos para trás.

Agora consigo vê-la inteira.

É curioso.

Não havia percebido essa parte.

Uma pequena marca de um lado, quase escondida.

Acho que não estava ali.

Aproximo-me.

Está.

É claro que está.

Talvez eu nunca tivesse olhado daquele lado.

Passo o dedo.

A marca é lisa.

Isso me tranquiliza.

A coisa parece mais conhecida agora.

Talvez seja esse o lugar dela.

Fico pensando nisso.

"Lugar dela" é uma expressão estranha.

Uma coisa não escolhe onde fica.

Ou escolhe, de algum modo, porque depois de algum tempo parece que sempre esteve ali.

Olho para o lugar antigo.

Agora está vazio.

Olho para o novo.

A coisa parece pertencer a ele.

Não sei qual dos dois é o lugar certo.

Talvez o lugar certo seja aquele de onde eu ainda consigo tirá-la.

Penso em mudar novamente.

Não.

Desta vez, deixo.

A coisa está em outro lugar.

E, por algum motivo, parece que sempre esteve.

29. Quero mostrar uma coisa

Quero mostrar uma coisa.

É melhor mostrar do que explicar.

Quando explico, preciso escolher as palavras. Quando mostro, a coisa está ali e não preciso dizer o que ela é.

Pelo menos é o que imagino.

Pego a coisa.

Ainda está perto da janela, onde a coloquei.

Agora parece que aquele é realmente o lugar dela. Isso facilita. Uma coisa fica mais fácil de mostrar quando está onde deveria estar.

Ou onde me acostumei a encontrá-la.

Levo-a para a mesa.

A mesa é melhor.

A mesa já apareceu antes e talvez seja por isso que pareça mais adequada. Algumas coisas precisam de uma superfície conhecida para parecerem verdadeiras.

Coloco a coisa sobre a mesa.

Pronto.

É isso.

Fico olhando.

Não há nada de especial para mostrar.

Talvez eu precise aproximar.

Aproximo.

Agora vejo a pequena marca de um lado.

Ela continua ali.

Não me lembro de ter mostrado essa marca antes.

Talvez porque nunca tenha mostrado a coisa a ninguém.

Isso é estranho.

Tenho a impressão de que já mostrei.

Não sei a quem.

Talvez tenha contado.

Mas contar não é mostrar.

Talvez eu tenha pensado em mostrar.

Também não é.

Pego o celular.

Posso tirar uma fotografia.

É mais fácil.

A fotografia fica e posso mostrar depois.

Enquadro.

A coisa ocupa pouco espaço.

Aumento.

Agora ocupa quase a tela inteira.

Fica diferente.

Não gosto.

Diminuo.

Melhor.

Tiro a fotografia.

Olho.

É ela.

Reconheço imediatamente.

Mas alguma coisa está errada.

Na fotografia parece menor.

Ou mais distante.

A marca aparece mais do que antes.

Também há uma sombra que eu não tinha percebido.

Olho para a coisa sobre a mesa.

Não há sombra.

Ou há, mas não daquele jeito.

Volto à fotografia.

Agora parece que estou olhando para outra coisa.

Isso não deveria acontecer.

A fotografia deveria mostrar aquilo que está diante de mim.

Talvez a luz tenha mudado.

Tiro outra.

Dessa vez a coisa parece maior.

Apago.

Tiro uma terceira.

Não parece nenhuma das duas.

Apago também.

Talvez o problema seja a fotografia.

Guardo o celular.

A coisa continua sobre a mesa.

Agora sei que poderia mostrar.

Só não sei qual das versões mostrar.

A que está diante de mim?

A que apareceu na primeira fotografia?

A da segunda?

Fico pensando.

Talvez mostrar uma coisa seja apenas escolher a maneira como alguém vai deixar de vê-la.

Isso me parece exagerado.

Não quero complicar.

Pego a coisa.

Por um instante penso em levá-la até alguém.

Depois desisto.

Talvez seja suficiente que eu saiba que ela está aqui.

Embora, agora que penso nisso, não tenha mais certeza de que é exatamente a mesma coisa que eu queria mostrar.

Coloco de volta.

A coisa fica sobre a mesa.

Por enquanto, não mostro.

Ainda não.

30. Quero esquecer uma coisa

Quero esquecer uma coisa.

Não é tão simples quanto parece.

Se fosse, bastaria não pensar nela.

Já tentei.

O problema é que, quando tento não pensar, preciso saber exatamente em que não pensar. Então a coisa aparece antes que eu consiga evitá-la.

Talvez seja melhor ocupar a cabeça.

Faço café.

Enquanto a água esquenta, penso em outra coisa.

Uma coisa qualquer.

Penso na janela.

Depois na planta.

Depois na fotografia que tirei.

A fotografia me lembra a coisa.

Não serve.

Penso em uma rua.

Uma rua que não conheço.

Isso funciona por alguns segundos.

Depois me pergunto por que estou pensando em uma rua que não conheço.

Volto à coisa.

Talvez esquecer seja parecido com perder.

Quando a gente perde uma coisa, não precisa decidir que ela desapareceu. Ela simplesmente não está onde deveria.

Mas eu sei onde está.

Está sobre a mesa.

Vou até lá.

Ainda está.

Pego.

Talvez seja mais difícil esquecer uma coisa enquanto ela está perto.

Levo para outro cômodo.

Coloco dentro de uma gaveta.

Fecho.

Agora não vejo.

Isso ajuda.

Volto para a sala.

Sento.

Por alguns minutos, consigo pensar em outras coisas.

Então lembro que coloquei a coisa na gaveta.

Levanto.

Abro.

Ela está lá.

É claro.

Pego novamente.

Talvez eu devesse colocá-la em um lugar que não conheço.

Mas todos os lugares que conheço são meus.

E, se eu souber onde deixei, vou poder encontrá-la.

Isso não é esquecer.

É esconder.

Não quero esconder.

Quero esquecer.

Talvez eu precise fazer alguma coisa que não tenha relação

com ela.

Saio.

Caminho.

Não penso.

A rua está diferente da que imaginei antes.

Isso é bom.

Um cachorro passa.

Uma mulher fala ao telefone.

Um ônibus para.

Por alguns minutos, a coisa desaparece completamente.

Paro.

Tento lembrar o que eu estava fazendo.

Então lembro.

Estava esquecendo.

A coisa volta.

Talvez eu nunca tenha conseguido esquecê-la.

Talvez tenha apenas esquecido que estava tentando.

Volto para casa.

A gaveta está fechada.

Não abro.

Isso já é alguma coisa.

Passo diante dela.

Continuo andando.

Depois volto.

Fico parado.

Não abro.

Agora percebo que não sei mais exatamente o que quero esquecer.

Sei que há alguma coisa na gaveta.

Mas não tenho certeza de que seja a coisa que comecei querendo esquecer.

Talvez tenha colocado outra coisa ali.

Não me lembro.

Isso me preocupa.

Abro.

A gaveta está vazia.

Fico olhando.

Não há nada.

Procuro a coisa em outra gaveta.

Nada.

Na mesa.

Nada.

Perto da janela.

Nada.

Agora começo a procurar de verdade.

Talvez eu tenha esquecido onde coloquei.

Isso me parece, finalmente, uma espécie de sucesso.

Só que não consigo ficar contente.

Porque, se eu realmente esqueci a coisa, não sei mais qual coisa era.

E, sem saber qual era, não sei se foi ela que desapareceu.

Fecho a gaveta.

Talvez seja melhor assim.

Por enquanto, há uma coisa que não encontro.

Não sei se é a mesma.

31. Quero continuar uma coisa

Quero continuar uma coisa.

Não sei exatamente de onde parei.

Isso não deveria ser um problema. Uma coisa não precisa ser interrompida exatamente no lugar em que foi deixada. Às vezes basta retomá-la.

É o que pretendo fazer.

A coisa estava em algum lugar.

Não sei mais onde.

Isso seria mais preocupante se eu precisasse encontrá-la. Mas não preciso. Quero apenas continuar.

Penso no que estava fazendo.

Não lembro.

Então penso no que deveria estar fazendo.

Também não.

Talvez seja possível continuar sem lembrar o começo.

Há coisas que a gente aprende assim. Entra no meio e continua. Não sabe o que aconteceu antes, mas percebe que existe alguma coisa em andamento.

Talvez seja o caso.

Sento à mesa.

Coloco uma folha diante de mim.

Não sei por que uma folha.

Talvez porque foi assim que comecei.

Ou porque começar de novo parece uma maneira aceitável de continuar.

Escrevo uma frase.

Paro.

A frase não parece pertencer à coisa.

Escrevo outra.

Também não.

Não quero ficar procurando a frase certa.

Já fiz isso.

Talvez continuar seja justamente não procurar.

Então escrevo qualquer coisa.

Leio.

É uma frase que não reconheço.

Isso me surpreende.

Fui eu que escrevi.

Mesmo assim, parece ter vindo de outro lugar.

Não é ruim.

Só não é o que eu pretendia.

Talvez a intenção tenha ficado para trás.

Essa possibilidade me incomoda.

Eu comecei uma coisa.

Passei algum tempo pensando nela.

Procurei, esperei, tentei lembrar, tentei esquecer, tentei reconhecer.

Não posso simplesmente abandonar agora.

Continuo.

Escrevo mais uma frase.

Desta vez ela parece melhor.

A segunda frase muda a primeira.

Não muito.

Mas muda.

Acrescento uma terceira.

Agora já não sei qual delas deveria estar ali.

Isso começa a parecer familiar.

Talvez seja assim que uma coisa continua: deixando de ser exatamente aquilo que era antes.

Não.

Isso é uma explicação.

Não quero explicar.

Quero continuar.

Escrevo.

A frase seguinte vem mais depressa.

Depois outra.

Não sei se estou avançando.

Também não sei em direção a quê.

Levanto os olhos.

A folha está quase cheia.

Fico um pouco surpreso.

Não me lembro de ter chegado tão longe.

Talvez seja porque não estava prestando atenção.

Ou talvez a coisa tenha continuado enquanto eu fazia outra coisa.

Isso seria possível.

Olho para a primeira frase.

Agora ela parece estranha.

Não entendo por que comecei por ali.

Mas também não quero apagá-la.

Ela estava no começo.

E alguma coisa precisa ter estado no começo.

Continuo escrevendo.

Quando chego ao final da folha, percebo que não sei mais qual era a coisa que queria continuar.

Isso não significa que não continuei.

Acho que continuei.

Só não sei o quê.

Dobro a folha.

Talvez amanhã eu possa continuar de onde parei.

Mas, olhando para ela agora, tenho uma impressão

diferente.

Talvez eu já tenha passado para outra coisa.

Não sei quando.

E não sei se faz diferença.

32. Quero começar uma coisa

Quero começar uma coisa.

Não é a primeira vez que digo isso.

Desta vez sei um pouco mais.

Isso deveria ajudar.

Tenho uma mesa, uma folha e algum tempo. Não preciso de muita coisa para começar. Talvez seja esse o problema: quando uma coisa precisa de pouco para começar, qualquer coisa pode servir de começo.

Coloco a folha diante de mim.

Ainda está em branco.

Isso é bom.

Uma folha em branco não exige explicações. Não sabe o que aconteceu antes. Não sabe o que eu procurei, o que encontrei, o que deixei de encontrar. Não sabe sequer que estou tentando começar.

É uma vantagem.

Pego a caneta.

Agora basta.

Não escrevo.

Espero um pouco.

Talvez eu esteja esperando a coisa aparecer.

Isso já aconteceu antes.

Não quero repetir.

Então escrevo:

"Quero começar uma coisa."

Paro.

A frase parece conhecida.

Não exatamente a mesma.

Há alguma coisa diferente nela, embora eu não consiga descobrir o quê.

Continuo:

"Não sei qual."

Isso não estava previsto.

Leio as duas frases.

Agora parece que a coisa ficou mais próxima.

Ou mais distante.

Não sei.

Penso em apagar.

Não apago.

Talvez seja importante deixar a primeira frase como está. Ela foi escrita antes que eu soubesse o que viria depois.

Acrescento:

"Talvez seja esta."

Olho.

Não gosto de "esta".

"Esta" aponta para alguma coisa que deveria estar aqui.

Mas o que está aqui?

A folha.

A caneta.

A mesa.

Eu.

E uma frase.

Talvez seja suficiente.

Escrevo outra:

"Talvez seja outra."

Agora fico olhando.

Não sei por que escrevi isso.

Outra o quê?

Outra coisa?

Outra frase?

Outra possibilidade?

Não importa.

Ou importa.

Pela primeira vez, tenho a impressão de que a coisa que eu queria começar já não está esperando que eu a comece.

Isso é estranho.

Eu deveria estar fazendo alguma coisa.

Mas não estou.

A folha continua diante de mim.

A caneta está na minha mão.

Algumas frases apareceram.

Não aconteceu nada.

Ainda.

Olho para o que escrevi.

A primeira frase parece pertencer a alguém que eu conheço.

A última, não.

Talvez eu tenha me afastado sem perceber.

Ou talvez tenha sido a coisa.

Não sei.

Volto ao começo.

"Quero começar uma coisa."

Desta vez a frase não parece um começo.

Parece outra coisa.

Não sei qual.

Isso talvez seja um problema.

Ou talvez seja exatamente o que eu queria.

Não me lembro mais.

Por enquanto, continuo com a folha.

Ainda posso começar.

Talvez amanhã.

Nota do autor

Pensei em escrever uma nota ao final deste livro.

Ela começaria explicando por que os textos insistem em começar sem concluir.

Depois imaginei que seria necessário explicar a Coisa.

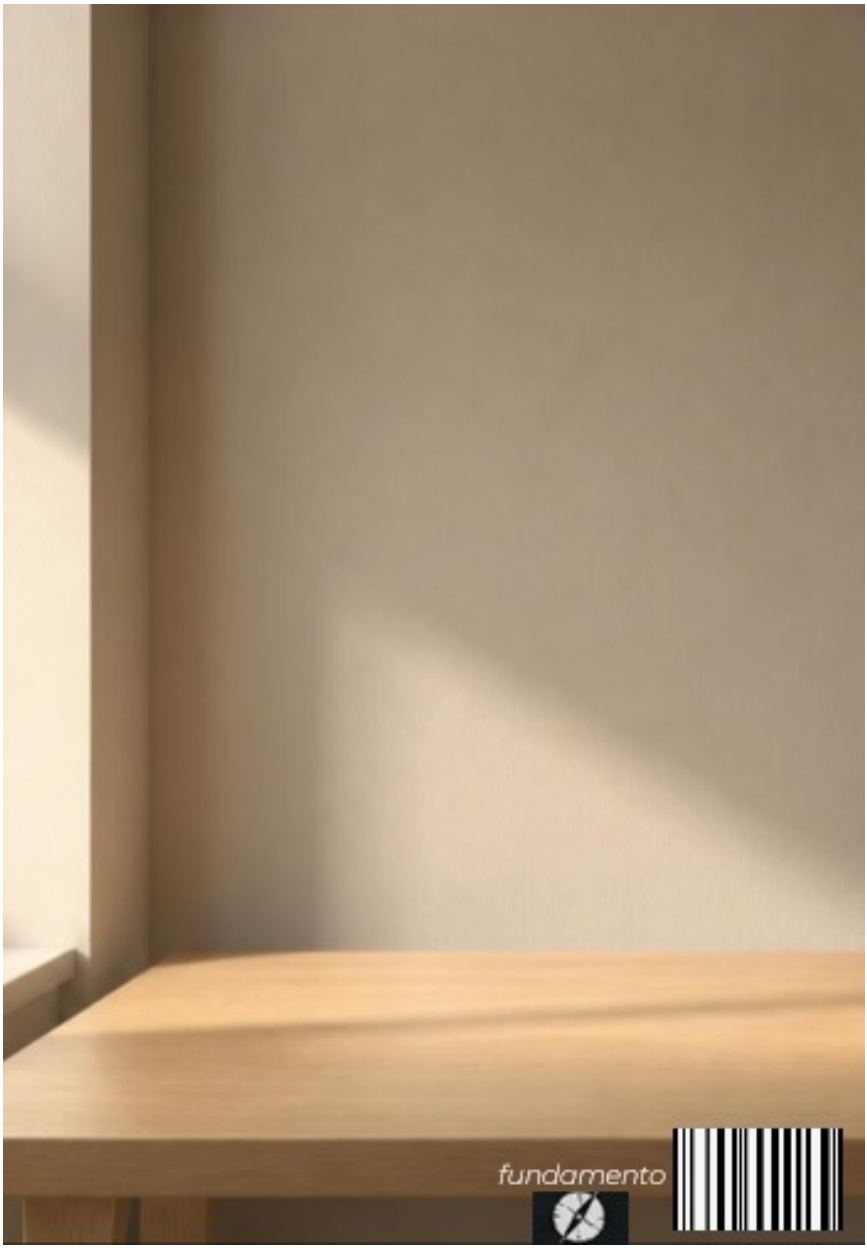
Também pensei em dizer que nunca se tratou da Coisa.

Isso exigiria outra explicação.

Resolvi deixar para outra oportunidade.

Talvez ela já tenha começado.

FIM


fundamento